



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ

CENTRO DE CIÊNCIAS DA VIDA

ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA ANALÍTICA

BIANCA STEVANIN GRESELE

PAIXÃO E RELAÇÃO TRANSFERENCIAL

biancastevanin@hotmail.com

CURITIBA - PR

2018

BIANCA STEVANIN GRESELE

PAIXÃO E RELAÇÃO TRANSFERENCIAL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Analítica do Centro da Vida da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito á obtenção do título de Especialista.

ORIENTADOR: Profº Msc. Juliano Maluf Amui.

CURITIBA - PR

2018

BIANCA STEVANIN GRESELE

PAIXÃO E RELAÇÃO TRANSFERENCIAL

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Analítica do Centro de Ciências da Vida da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito á obtenção de Especialista.

BANCA EXAMINADORA

Professor Msc. Juliano Maluf Amui

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço ao meu pai, por todas as oportunidades que me proporcionou ao longo da vida, pelo apoio e carinho que sempre demonstrou.

Gostaria de agradecer também ao meu marido e a minha filha pela compreensão e paciência com a minha ausência em alguns finais de semana durante as aulas, pelo apoio e incentivo na realização dos meus sonhos.

Ao meu analista, por todo o suporte que vem me dando, por acolher os meus conflitos e por ajudar a solucionar várias questões minhas.

Agradeço ao professor e orientador Juliano Maluf Amui, pelas orientações, dedicação e conhecimento que me foram passados ao longo deste trabalho, e pelas reflexões desenvolvidas em torno do tema.

Á todos os professores da especialização, que me proporcionaram uma imersão rica em conceitos da Psicologia Analítica, assim como, aos meus colegas de sala que dividiram comigo esse momento e suas experiências.

RESUMO

Considerando a importância da transferência e contratransferência no processo terapêutico, o presente trabalho busca analisar a paixão e o fenômeno da relação transferencial a partir da ótica junguiana. O método científico escolhido para realizar esse projeto foi revisão bibliográfica. Com isso, foram descritos os conceitos de projeção, transferência, contratransferência e paixão. Tendo em vista que a transferência e a contratransferência são entendidas como um tipo de projeção, os conteúdos de porte emocional que surgem no paciente em relação ao analista, e no analista em relação ao paciente são inconscientes e fazem parte da análise. A partir desse fenômeno, o paciente pode estar vendo o analista de diversas formas, e invocando alguma função presente dentro de si. Dentre as diversas funções invocadas pela transferência, foi analisada a paixão na relação transferencial, buscando entender qual o trabalho do analista diante dessa situação, e quais os pontos positivos e negativos que a mesma pode trazer para o processo. Dessa forma, se a transferência do paciente estiver ocorrendo positivamente na análise, o analista pode utilizar-se da mesma para um valioso progresso no tratamento, e também para um maior entendimento do funcionamento psíquico e das experiências de vida do indivíduo.

Palavras-chave: Psicologia Analítica. Transferência. Contratransferência. Paixão. Função Erótica.

ABSTRACT

Regarding the importance of transference and countertransference in the transference's process, this article intends to analyze passion and the transference's relation phenomenon through Jungian perspective. The scientific method chosen to perform this project was bibliographic revision. That way, concepts as projection, transference, countertransference and passion have been described. Knowing that transference and countertransference are understood as kinds of projection, emotional contents that emerge from patient towards the analyst, and, in the same way, from analyst towards the patient, are unconscious and a part of analysis. Therefrom this phenomenon, the patient can see his/her analyst in so many ways, evoking some function inside him/herself. In front of some functions, I chose to analyze passion in the transference's relations, intending to understand what they bring to the process. That way, if the patient's transference is occurring positively, the analyst can use it for progress in the treatment, also for a better comprehension of patient's psychic functioning and life experiences.

Key-words: Analytical psychology. Transference. Countertransference. Passion. Erotic function.

*“Amor é dado de graça.
É semeado no vento,
Na cachoeira, no eclipse.
Amor foge a dicionários
E a regulamentos vários.
Eu te amo porque não amo
Bastante ou demais a mim.
Porque amor não se troca,
Não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
Feliz e forte em si mesmo.
Amor é primo da morte,
E da morte vencedor,
Por mais que o matem
(e matam)
A cada instante de amor”.*

Carlos Drummond de Andrade.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. TEORIA JUNGUIANA DA PROJEÇÃO	9
3. TRANSFERÊNCIA E CONTRATRANSFERÊNCIA SOB O OLHAR JUNGUIANO.....	15
4. O CONCEITO DE PAIXÃO E AMOR	23
4.1 PAIXÃO/AMOR PARA A PSICOLOGIA ANALÍTICA	27
5. A PAIXÃO NA RELAÇÃO TRANSFERENCIAL.....	33
6. O DESEJO SEXUAL NA RELAÇÃO TRANSFERENCIAL	37
7. O TRABALHO COM A PAIXÃO NA RELAÇÃO TRANSFERENCIAL NO PROCESSO DE ANÁLISE	41
CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS.....	49

1. INTRODUÇÃO

Sendo conceitos muito importantes para a Psicologia, a transferência e a contratransferência atuam constantemente no processo psicoterapêutico. Durante o processo de análise, a transferência pode utilizar-se de diversas funções existentes no paciente, como por exemplo, a materna, paterna, e até mesmo a paixão.

Uma das formas de transferência possíveis em uma análise é o apaixonamento do paciente pelo analista, e/ou vice-versa. De início, muitos analistas tendem a se assustar com esse acontecimento e evitar lidar diretamente com o conteúdo do mesmo. Entretanto, a transferência do paciente pode demonstrar exatamente em que área ele necessita de atenção e ser trabalhado. Com isso, o presente estudo busca analisar a atuação da transferência relacionando-a com a paixão, a partir da ótica Junguiana.

Para adentrar nesse tema é necessário primeiramente ter o entendimento a respeito do fenômeno da projeção. Sendo um fenômeno humano, é capaz de atuar em qualquer relação entre duas pessoas, como por exemplo, de professor-aluno, médico-paciente, profissional-cliente e etc. Porém, os estudos estão mais voltados para uma grande utilização desse conceito na Psicologia, mais especificamente, na relação psicólogo-paciente.

Considerando que a projeção é a expressão de manifestações inconscientes as quais apontam para reproduções de vivências do passado, ela pode aparecer de inúmeras formas na análise, atuando constantemente.

Para a Psicologia Analítica uma forma de projeção típica da relação terapêutica é a transferência e a contratransferência, são acontecimentos naturais da análise, e que acontecem independentemente da nossa vontade. Entretanto, é importante a compreensão e percepção dos mesmos por parte do analista, estando atento se está atuando de forma positiva ou negativa no processo.

A transferência, sempre esteve presente nas inter-relações humanas. Segundo Jung, o fenômeno da transferência é um tipo de projeção utilizada para descrever conteúdos inconscientes de porte emocional que surgem no paciente em relação ao analista, e a contratransferência é o que surge do analista para o paciente. É importante que se tenha o entendimento desses tais conceitos e que se saiba que a transferência é um caso especial de projeção. (SHARP, 1991)

A visão que Jung estabeleceu é a de que no processo terapêutico paciente e analista estão envolvidos como pessoas completas enfocando a contratransferência do analista. Jung declarou que o analista não pode evitar estar profundamente afetado por seu paciente, e o melhor a se fazer é estar o mais consciente possível deste processo. Não podemos encarar a contratransferência como apenas um processo de obstáculo na terapia, mas sim, utilizá-la para revelar dinâmicas inconscientes do paciente. (JACOBY, 1992)

Na psicoterapia ocorre um procedimento dialético, no qual dois sistemas psíquicos entram em interação. Terapeuta e paciente se contatam e suas psiques, em totalidade, se relacionam configurando assim a dinâmica transferencial. (JUNG, 1988)

A partir disso, tendo em vista que uma das formas de transferência que ocorrem no setting terapêutico é o possível desenvolvimento de uma paixão entre paciente e analista, esse trabalho busca compreender a paixão enquanto projeção, e descrever sobre essa função na relação transferencial, tanto seus aspectos positivos, quanto negativos.

Quando a paixão atua no processo analítico e ocorre a projeção de conteúdos inconscientes, o que ocorre é uma “não relação”, ou seja, uma relação ilusória entre paciente e analista. Nesse âmbito, se a transferência do paciente estiver ocorrendo positivamente na análise, o analista pode utilizar-se da mesma para um valioso progresso no tratamento, e também para um maior entendimento do funcionamento psíquico e das experiências de vida do indivíduo.

Contudo, se a percepção do analista for à de que a transferência está atuando negativamente, tudo se torna mais delicado, e será preciso um olhar mais minucioso no processo de análise como um todo, pois esse tipo de projeção pode gerar prejuízos à subjetividade do indivíduo.

Sendo um tema de enorme importância para mim, diante das discussões realizadas em sala de aula durante o processo de formação da Pós-Graduação em Psicologia Analítica e da minha prática clínica, decidi escolher este assunto, e através de pesquisas bibliográficas, realizei o presente estudo.

2. TEORIA JUNGUIANA DA PROJEÇÃO

Para explicar o conceito de transferência e contratransferência é importante primeiramente entender o fenômeno da projeção.

Sendo um termo utilizado primeiramente por Sigmund Freud, a projeção tem uma concepção própria de inconsciente. E com esse pensamento, Jung utilizou esse mesmo termo, mas lhe dando uma interpretação totalmente nova. (VON FRANZ, 1992)

Segundo Von Franz (1999, p. 280) a teoria junguiana da projeção se resume a uma ampliação da teoria da projeção de Freud, o qual entendia as projeções como geradas apenas de desejos incestuosos. Já para Jung, qualquer conteúdo não consciente pode aparecer de forma projetada como se fossem propriedades dos objetos externos.

Dessa forma, a noção junguiana da projeção não utiliza o caráter de desejos incestuosos, infantis e recalcados, que era defendido por Freud. Com isso, a projeção deixa de ser vista como uma defesa do ego, e passa a ter uma forma natural e espontânea de expressão do inconsciente. (PACINI, 2010)

Ainda que a abordagem junguiana da projeção se faça sobre uma base psicanalítica, ela adquire um caráter mais abrangente, indicando um “mecanismo psicológico geral”, no qual determinados conteúdos psíquicos de um indivíduo são deslocados e percebidos como se pertencessem a um objeto de fora. (JUNG, 1996a, p.128)

A projeção é considerada um fenômeno psicológico que ocorre no cotidiano de todas as pessoas, podendo estar presente em qualquer relação, nos colocando a mercê das concepções e erros de julgamentos, que necessitam serem olhados e corrigidos posteriormente. Elas não são determinadas por nós, e sim, se oriunda dos complexos ou arquétipos do inconsciente. (VON FRANZ, 1992)

Para Jung a projeção era um fenômeno muito mais natural do que defensivo; totalmente comum e espontâneo, sem relação a algum quadro patológico. “Como já assinali várias vezes, a projeção não é nenhum ato arbitrário, mas um fenômeno natural e característico da natureza da psique humana”. (JUNG, 1990, p. 104)

Gambini (2011) discorre que a projeção consiste em se perceber externamente algo que só é real no plano interno. É o ato de não reconhecer em si

alguma característica ou fato, ou seja, isto está inconsciente, e, portanto, o ego projetará no outro. O autor descreve melhor esse conceito da seguinte forma:

Começamos perguntando o que é projeção. Em primeiro lugar, é um fato que ocorre involuntariamente, sem qualquer interferência da mente consciente, quando um conteúdo inconsciente pertencente a um sujeito (um indivíduo ou grupo) aparece como se pertencesse a um objeto (outro indivíduo ou grupo ou o que quer que seja, desde seres vivos até sistemas de ideias, a natureza ou a matéria inorgânica). Como isso ocorre involuntariamente e inconscientemente, o sujeito não sabe que uma projeção está ocorrendo, da mesma forma como é incapaz de produzi-la ou impedi-la. (GAMBINI 1988, p. 36)

De acordo com Von Franz (1992), a projeção foi definida por Jung como: “uma transferência inconsciente de um fato psíquico e subjetivo para um objeto exterior, sendo um deslocamento que ocorre de maneira não intencional e inconsciente”.

Desta forma, a projeção é um mecanismo psicológico no qual os conteúdos psíquicos são exteriorizados. É um fenômeno que acontece de forma espontânea, não estando dentro do nosso controle. As projeções são humanamente naturais, fazendo parte de como o sujeito se relaciona com o seu mundo interior e com o mundo exterior.

Através da projeção é expresso tudo o que é desconhecido na psique, e esse modo de expressão é algo que ocorre com todas as pessoas, e não apenas com um indivíduo que possui alguma patologia e/ou algum transtorno, pois é assim que o inconsciente aparece inicialmente, de forma projetada. (GAMBINI, 1988)

A projeção aparece quando há estímulo para tal, como por exemplo, complexos constelados que passam a atuar sobre o sujeito. E se dá para o indivíduo como algum conteúdo que não pertence a ele, fazendo com que o conteúdo se afaste da consciência. Porém, é justamente na consciência o lugar para as descobertas relacionadas às questões da projeção, pois dessa forma a energia dissipada das projeções pode ser integrada em seu mundo subjetivo. (FONSECA, 2003)

Jung falou sobre a projeção e a consciência, afirmando que é sabido pelas observações de experiências “que a projeção é um processo inconsciente automático, através do qual um conteúdo inconsciente para o sujeito é transferido para um objeto, fazendo com que este conteúdo pareça pertencer ao objeto” e afirma que o fim do processo do fenômeno projeção se dá no momento da

conscientização do conteúdo, que então passa a pertencer ao sujeito. (JUNG, 1976, p. 72)

Geralmente os complexos constelados tomam forma e se mostram através da projeção, ou seja, o indivíduo reconhece conteúdos que são a priori pessoais em objetos externos, tendo-se aqui uma característica da dissociabilidade psíquica. (FONSECA, 2003)

As projeções podem conter conteúdos que não foram processados e foram provindos da primeira infância. Por exemplo, um filho que teve um pai muito rígido e autoritário, tende a realizar a projeção em todas as autoridades de sua vida, no professor, chefe e dentre outros.

Podemos afirmar que a projeção é algo essencial da psique humana, e que simplesmente acontece. Entretanto, a projeção acaba por isolar o indivíduo, criando uma ilusão entre ele e o seu contexto. Com isso, quanto mais projeções existirem entre o sujeito e o seu ambiente, mais dificuldade o Ego terá de enxergar a realidade. (GAMBINI, 1988)

Para Fonseca (2003), a noção de projeção está diretamente relacionada com temas como o complexo do Eu, de energia psíquica, e do desenvolvimento dessas instâncias, pois somente com o desenvolvimento das mesmas, pode-se trabalhar o conteúdo da projeção. Ressaltando que, a psique está em busca de uma unicidade - individuação, mas como é feita de impulsos e afetos diversos, se distancia desse processo de uma forma saudável em busca de seu desenvolvimento.

Além disso, a Psicologia Analítica reconhece a influência dos aspectos coletivos na identidade dos indivíduos, e com isso, há certa dificuldade em reconhecer conteúdos projetados que pertencem a esse patamar, ou seja, aparentemente há mais dificuldades de vir à luz da consciência essas manifestações arquetípicas. (FONSECA, 2003)

Gambini (1988) cita os quatro estágios da projeção que foram descritos por Jung. Segundo ele, o primeiro estágio trata-se de uma total relação igualitária entre o mundo de dentro e o de fora, onde tudo é permeado pela psique. Nesse primeiro estágio, a psique não é nossa, ela é tudo o que existe. O segundo estágio, diferentemente do anterior, o qual tudo era uma coisa só, inicia a separação entre o homem e a natureza.

No terceiro estágio a projeção passa a ser olhada e vista como uma ilusão ou um erro, e até mesmo como uma patologia. Por fim, no quarto estágio, é a hora de

fechar o ciclo e acontecer o reconhecimento da realidade da psique. “Pela primeira vez o homem pode tomar consciência de que possui uma psicologia, de que camadas inteiras da psique estão vindo á luz pela primeira vez.” (GAMBINI, 1988 p.55)

Um aspecto importante do mecanismo da projeção, é que o inconsciente que projeta não escolhe os seus alvos ao acaso, mas, sim aqueles que contêm pouco ou muito do conteúdo projetado, encontramos na psicologia analítica um termo para esse conceito: o gancho. (VON FRANZ, 1999, p. 282)

Do latim, o termo “*Projicere*” tem como significado lançar algo adiante, se o conteúdo lançado permanecer onde caiu, é porque algo lhe segurou ali. Esse objeto externo possui algo onde o conteúdo se retém, isso é o gancho. (GAMBINI, 1988)

Em alguns dos seus escritos Jung fala disso: “A experiência demonstra que o portador da projeção não é um objeto qualquer, mas sempre aquele que se revela adequado á natureza do conteúdo projetado, isto é, que oferece a este um “gancho” onde pendurar-se”. (JUNG, 1999a, p.409)

Segundo Gambini, “Essa qualidade de um objeto que possibilita a aderência de uma projeção chama-se “gancho” no jargão psicológico”. Em outros termos, há semelhanças entre o conteúdo inconsciente projetado e o objeto receptor da projeção. Dessa forma, percebemos que as relações interpessoais terão grande importância para que existam projeções. Sem outros indivíduos fornecendo ganchos, o sujeito não tem a possibilidade de projetar e, assim, de entrar em contato com seus próprios conteúdos. (GAMBINI, 1988, p.51)

Ainda, a existência do gancho nos permite contrapor a afirmação de que a projeção é necessariamente uma ilusão. Com o gancho, é notável que o outro atrai ou rejeita projeções a partir de algumas de suas características próprias. O conteúdo projetado deixa de ser uma ilusão, uma fantasia arbitrária. Ou seja, a projeção inconsciente (realidade subjetiva) recai sobre um gancho (realidade objetiva do outro). (PACINI, 2010)

Além disso, o sujeito em quem à projeção é depositada também é afetado, e se esse receptor tiver uma consciência do ego fraca, poderá ser facilmente influenciado pelo conteúdo que lhe foi projetado. (VON FRANZ, 1999)

Os conteúdos inconscientes são, invariavelmente, projetados, em primeiro lugar, em pessoas e situações concretas. Muitas projeções podem, ao final, reintegrar-se ao indivíduo, uma vez que ele tenha reconhecido a origem subjetiva

delas; outras resistem à integração, embora possam destacar-se de seus objetos originais, transferem-se, em seguida, para o médico. Entre estes conteúdos, a relação com o genitor do sexo oposto desempenha um papel importante, isto é, a relação entre o filho e a mãe, entre a filha e o pai e também entre o irmão e irmã. (JUNG, 1999b)

Vale ressaltar que não são apenas as características negativas de um indivíduo que se projetam para fora, mas também as positivas. A projeção negativa tem relação com a imagem negativa que o indivíduo tem armazenado dentro de si, de um complexo que faz parte da sua história, e as projeta em objetos externos em algumas ocasiões. As projeções de características positivas levam o sujeito a uma supervalorização de outro indivíduo, a uma grande admiração, com ilusões que ultrapassam os limites. (VON FRANZ, 1992)

É importante também pensar sobre a impossibilidade de se determinar e entender tudo o que pensamos e percebemos com relação aos objetos e pessoas externas. Todo o mundo exterior é regido pelas projeções e pela energia do nosso inconsciente, sendo assim, as projeções fazem parte do nosso cotidiano.

Tendo em vista isso, Von Franz (1999) fala sobre o indivíduo estar ligado ao seu ambiente através de todo um sistema de projeções, as quais podem até mesmo servir como uma ligação entre a pessoa e o externo, incluindo as outras pessoas. As projeções permeiam a nossa vida, e somente quando a energia psíquica se retirar da projeção por algum motivo, chegou a hora de se refletir sobre a parte inconsciente.

Dessa maneira, é importante saber o momento de se falar sobre a projeção, isto é, apenas quando a imagem do objeto exterior estiver perturbando o indivíduo de maneira intensa e nítida. Isso é uma indicação de que o paciente necessita considerar e olhar para aquilo que o está atraindo externamente de forma tão significativa, e o analista precisa avaliar cuidadosamente até que ponto pode pedir que ao paciente que ele reconheça a projeção. (VON FRANZ, 1999)

Para Jung (1999b), o processo psicológico da transferência é uma forma específica do desenvolvimento mais generalizado da projeção. Com isso, a projeção é um mecanismo psicológico geral que carrega conteúdos subjetivos de toda espécie sobre o objeto.

Para a Psicologia Analítica, a relação entre duas pessoas é algo maior do que apenas o contato entre suas consciências. Quando analista e paciente ficam frente a

frente, suas psiques se defrontam em sua totalidade, tudo está em contato naquele momento, o consciente e o inconsciente e o dito e o não dito. Entretanto, podemos observar que por diversas vezes a psique de um tem um efeito sobre a do outro, com todos os seus conteúdos, desejos, sentimentos, fantasias e emoções. (GUGGENBULH-CRAIG, 2004)

Diante dessa relação, surgem as projeções entre o analista e o analisando, as quais aparecem no contexto terapêutico como transferência e contratransferência, sendo comuns e importantes em todo o processo da psicoterapia. Além disso, os conteúdos das projeções transferenciais tendem a demonstrar em que áreas o crescimento da consciência é necessário para o paciente.

3. TRANSFERÊNCIA E CONTRATRANSFERÊNCIA SOB O OLHAR JUNGUIANO

O fenômeno transferencial, sempre esteve presente nas inter-relações humanas, entretanto, apareceu como teoria pela primeira vez nos primórdios da psicanálise, na constatação clínica de um procedimento em relação ao médico. (CASTRO, 2005)

A palavra transferência foi exemplificada pela primeira vez por Freud, ela é uma tradução do alemão *Übertragung*, que significa carregar alguma coisa de um lugar para outro. Dessa forma, pode-se pensar metaforicamente a transferência como levar para outro lugar alguma coisa. (JUNG, 1999b, p.127)

Segundo Jung, o fenômeno da transferência é um tipo de projeção utilizada para descrever conteúdos inconscientes de porte emocional que surgem no paciente em relação ao analista. (SHARP, 1991)

É importante que se tenha o entendimento desses tais conceitos e que se saiba que a transferência é um caso especial de projeção. O fenômeno transferencial usualmente é um processo que se dá entre duas pessoas, embora haja exceções, onde seus mecanismos mais gerais podem estender-se a objetos físicos. (JUNG, 1999b)

Alguns aspectos sombrios e fundamentais podem constelar já no primeiro encontro entre paciente e analista. Ao se verem pela primeira vez, ambos já possuem algumas intenções conscientes, e a partir disso, pode dar-se início a conteúdos inconscientes, gerando a transferência e contratransferência.

Diferentemente da comunicação consciente entre duas pessoas, guiada por seus egos, a ligação inconsciente indica um estado de união de dois. Na análise Junguiana essa ligação é nomeada como transferência/ contratransferência, ou seja, a outra pessoa é parte de mim, e eu também sou parte do outro. (JACOBY, 1992)

Segundo Castro (2005), a terapia é concebida como uma troca ou mistura das personalidades do analista e do paciente, onde existe uma interpenetração inconsciente de aspectos conscientes e inconscientes das personalidades.

Na psicoterapia ocorre um procedimento dialético, no qual dois sistemas psíquicos entram em interação. Terapeuta e paciente se contatam e suas psiques, em totalidade, se relacionam configurando assim a dinâmica transferencial. Essa

interação acontece com quatro sistemas: entre o consciente e inconsciente do terapeuta e entre o inconsciente e consciente do paciente, podendo ser compreendida a partir de uma amplificação visual da transferência. (JUNG, 1988)

A imagem que Jung usou para descrever a terapia foi como uma combinação quase química ou alquímica de duas personalidades, de forma que ambas as partes são afetadas. (CASTRO, 2005)

“Lembramo-nos do modelo de Jung sobre a inter-relação dialética entre os parceiros, quando Racker enfatiza que na situação analítica duas pessoas estão envolvidas, cada uma com uma parte neurótica e uma parte saudável, um passado e um presente, e uma relação com fantasia e realidade. Ambos são, ao mesmo tempo, um adulto e uma criança, sendo seus sentimentos com relação ao outro o de uma criança para com os pais e os dos pais para com as crianças”. (JACOBY, 1992)

A transferência pode ser definida como o conjunto de expectativas, crenças e respostas emocionais inconscientes que um paciente traz para a relação terapêutica. Essas respostas não estão baseadas necessariamente em quem é o analista ou em como ele age realmente, mas nas experiências persistentes que o paciente teve durante sua vida com outras figuras importantes do passado. (ISOLAN, 2005)

Vale salientar a definição de transferência expressa por Jung (1999a), em "O Valor Terapêutico da Ab-Reação" onde afirma que a transferência consiste em várias projeções que funcionam como substitutos de uma relação psicológica real.

As projeções criam uma relação ilusória, pois em um determinado momento, esta relação se torna de maior importância para o paciente, isto é, no momento em que o seu desajustamento habitual se encontra agravado pelas próprias exigências da análise, pois lhe faz ocupar-se intensamente com as situações do passado. "Esta é a razão por que a súbita interrupção de uma transferência nunca deixa de ter consequências desastrosas. Estas podem torna-se inclusive um perigo, pois o paciente cai numa solidão insuportável ao deixar de relacionar-se por completo com o outro ser humano". (JUNG, 1999a, p. 8)

Como já dito anteriormente, os conteúdos das projeções transferenciais normalmente demonstram quais áreas o crescimento da consciência é necessária para o paciente. Por trás do conteúdo e das formas de uma transferência, está em atividade o processo interno de auto realização, do qual Jung chamava de individuação, natural à vida e facilitado pela terapia. Desta forma, a terapia acontece

também com a transferência, não sendo esta um impeditivo para o sucesso de uma relação terapêutica. (PENNA, 2005)

De acordo com Steinberg (1992, p.27) “Segundo diversos escritos de Jung sobre o tema, a transferência funciona psicologicamente de maneira semelhante aos sonhos”. Sendo assim, sonhos e transferência apresentam um material determinado pela necessidade de compensar a atitude unilateral da consciência; “ambos apresentam material inconsciente, através de projeções que contêm um valor subjetivo; e ambos têm finalidade e servem ao processo de individuação”.

Com isso, podemos compreender o fenômeno da transferência e contratransferência como um campo de projeções, e/ou um campo de transformações. Um dos diferenciais da visão junguiana sobre assunto é a concepção de transferência e contratransferência, conceituando-os como um campo de transformação, o qual faz parte e é importante para o processo. (HALL, 2000).

A transferência e a contratransferência são componentes centrais no campo afetivo na psicoterapia analítica. É por essa razão que se tem dado atenção ao setting analítico, pois ele proporciona a estrutura onde as manifestações transferenciais podem ser cuidadosa e adequadamente elucidadas, interpretadas e trabalhadas por completo. (FORDHAM, 1978)

Jung deixa clara a visão da transferência como uma dinâmica que tem a sua própria força propulsora intrínseca que é voltada à individuação e que contém elementos criativos para este processo. Descreve também que a transferência tem como finalidade possibilitar com que o processo de individuação e de consciência da unidade e totalidade do sujeito possa enfim ser conquistado. (PERRY, 2002)

Impressionado com a obstinação da transferência, Jung considerou-a um instinto vital e se perguntou qual seria o propósito desse instinto. Vendo claramente a necessidade do inconsciente em criar um Deus. A partir disso, entendeu ele que a transferência também apresentava contornos mitológicos e impessoais, saindo da esfera dos laços parentais e puramente pessoais e assim, encontrando o campo dos elementos inatos do psiquismo humano: os arquétipos. (MARINHO, 1996).

Jacoby (1992) em uma das suas obras traz sobre a visão sobre os tipos de transferências descritos por Heinz Kohut. De acordo com o autor, existem dois tipos de transferência: a transferência especular e a transferência idealística. A transferência especular e a transferência idealística são termos que se referem à expectativa que o paciente tem de seu analista. O termo ilusório e delusório indicam

o grau em que o analista também pode ser reconhecido como pessoa real pelo paciente.

Na transferência especular surge “uma necessidade humana de se refletir para poder se conhecer, uma ressonância empática”. Necessitamos dela para nos sentirmos reais e importantes para outras pessoas, e dessa maneira, para nós mesmos. Os pacientes que elaboram a transferência especular têm dificuldades de saber quem são e conseguem captar qualquer grau de rejeição em relação a si; rejeição que tem um efeito traumatizante no senso de eu. (JACOBY, 1992)

As projeções de imagens arquetípicas no analista são chamadas por Kohut de transferência idealística. Ou seja, uma idealização do analista, e como parte do processo de retirada das projeções, ocorre o desapontamento gradual do paciente com o analista. Ambas as transferências especular e idealística existem com bastante frequência e podem ocorrer quase que simultaneamente. (JACOBY, 1992)

De acordo com Von Franz (1999), existem quatro etapas que envolvem a transferência, mas, não passamos necessariamente por todas, são elas:

Primeira etapa: Identidade Arcaica: é o vínculo efetivo realizado no início do processo, neste momento paciente e terapeuta não estão vinculados pelos aspectos conscientes do ego e dos mecanismos de defesas do paciente e do analista. Como se fosse uma reação arquetípica fruto de uma ligação natural, o qual o inconsciente pode se manifestar mais livremente. É nesse instante do processo que surgem os sonhos iniciais, os grandes sonhos, que podem traduzir ou ilustrar de forma antecipatória todo o processo do paciente. (VON FRANZ, 1999)

Segunda etapa: Projeções Mútuas: seja de aspectos pessoais ou arquetípicos, das quais acredita-se não ser produtivo discutir continuamente sobre a transferência como fazem alguns analistas junguianos, mas sim saber que essa relação entre paciente e analista precisa ser suportada pelos dois. É a diferença entre trabalhar a transferência e trabalhar na transferência. (VON FRANZ, 1999)

Terceira etapa: Relacionamento Pessoal: é quando os aspectos internos já foram mais integrados, com alguns traços de amizade, favorecendo um relacionamento objetivo entre analista e paciente. Entretanto, esse nível de relação pode não acontecer com todos os analisandos. (VON FRANZ, 1999)

Quarta etapa: União Predestinada na eternidade ou *Coniunctio*. Acontecendo geralmente em alguns momentos da análise, desaparecendo no momento seguinte, esse *Mysterium Coniunctio* se apresenta através da esfera intemporal do Self e

brilha através de todos os desejos, resistências, projeções e ideias que aparecem na superfície. É o que Hillman chama de um encontro de almas, permeado pela força de Eros, onde analista e analisando estão a serviço dessa alma. Amor platônico: não mais se voltando para o cada um, mas unidos em direção ao que é maior, unidos na mesma direção, olhando para cima, para o Grande Outro. (VON FRANZ, 1999)

No fenômeno transferencial, o paciente pode ver no analista algo que não exista, ou que exista apenas de forma latente. Ele pode ver no terapeuta um pai, uma mãe, um irmão, um amante, um filho/filha, ou até mesmo acreditar estar apaixonado, dessa forma, o paciente pode transferir para o analista conteúdos que pertencem a pessoas importantes que fizeram parte de sua vida. (GUGGENBULH-CRAIG, 2004)

É importante contar com os aspectos da transferência e da contratransferência, poder senti-los e acolhe-los para poder refletir sobre qualquer e todo conteúdo que aparecer, sem reprimi-los, e buscando compreender seus significados. (VON FRANZ, 1999)

É a reação do terapeuta na contratransferência que fomenta o fator essencial na análise. O terapeuta como um todo está envolvido no processo de transferência/contratransferência. Sendo assim, a contratransferência sempre pode estar ligada à transferência do paciente sobre o terapeuta, seja ela de conteúdos pessoais ou arquetípicos. (STEINBERG, 1992)

De acordo com Marinho (1996), Racker conceitualiza a contratransferência de uma forma mais sistemática e profunda. Ele caracterizou a contratransferência como sendo direta e indireta, assim como, a identificação concordante e complementar do terapeuta, ressaltando o uso desse fenômeno como importante método para a compreensão da relação com o paciente.

A contratransferência é resultante da relação que acontece no encontro analítico. Jung afirmou que essas questões são inevitáveis e bidirecionais. Na verdade, o processo analítico depende desse campo de transformação que acontecem dentro de um vaso alquímico contratual, com efeitos mutuamente transformadores, levando a ambos para a imagem arquetípica da *coniunctio*, o casamento alquímico. Na psicologia analítica o contato é cara a cara, as reações do analista são parte integrante e essencial do processo. (MARINHO, 1996)

De acordo com Guggenbulh-Craig (2004), analista e paciente se afetam mutuamente, a sombra de ambos entram em contato, se relacionando. Com isso,

não se pode analisar apenas a sombra e os conteúdos do paciente, sem também olhar para a do terapeuta. Se o analista deseja entrar em contato com as fantasias do paciente, ele deve lidar e entrar em contato diariamente com as suas próprias fantasias a respeito do paciente.

A contratransferência supre demandas do *self* do paciente e refere-se aos conteúdos inconscientes da psique do analista que foram ativados pela transferência do paciente. (STEIN, 1973)

Essa inter-relação gerada no campo do processo da análise não necessita sempre ser interpretado, mas, é um fenômeno fértil de onde podem surgir indicações de mudanças e transformações. Essas transformações se originam das fantasias geradas por paciente e analista. (FERRO, 2005)

O encontro entre analista e paciente passou a ser observado e citado como uma relação que produz um grande impacto emocional em ambos, ocorrendo trocas de informações e vivências, no nível verbal e não-verbal, sendo de forma intencional ou não. (MARINHO, 1996)

É inegável a preocupação com o aspecto relacional do atendimento clínico terapêutico na Psicologia Analítica. Observar e refletir sobre a transferência significa preocupar-se o conteúdo mental que o paciente está transmitindo, assim como, com o conteúdo do analista, em sua contratransferência, tanto no nível consciente, quanto inconsciente. (MARINHO, 1996)

A visão que Jung estabeleceu é a de que no processo terapêutico paciente e analista estão envolvidos como pessoas completas enfocando a contratransferência do analista. Ao oposto de Freud, Jung declarou que o analista não pode evitar estar profundamente afetado por seu paciente, e o melhor a se fazer é estar o mais consciente possível deste processo. Não podemos encarar a contratransferência como apenas um processo de obstáculo na terapia, mas sim, utilizá-la para revelar dinâmicas inconscientes do paciente. (JACOBY, 1992)

Segundo Stein (2000), em todos os tipos de contratransferência o terapeuta tem o risco de projetar no paciente seus próprios conteúdos do inconsciente. Eles podem ser distorcidos tanto na percepção como na intervenção do terapeuta, e podem também elaborar a necessidade de compensação do paciente, o que pode ser positivo ou negativo para o processo dele.

A contratransferência passou a ser vista como algo inevitável que também faz parte do processo psicoterapêutico, sendo entendida e analisada de forma correta, pode ser útil na análise.

O fenômeno da transferência não pode ser resolvido e nem entendido, sem que as projeções e as contraprojeções do paciente e do analista sejam trabalhadas e analisadas. O propósito desse entendimento é compreender a quem pertence os fragmentos da psique e como estão interagindo, assim sendo, trazendo a consciência o processo da transferência/contratransferência. (SCHWARTZ-SALANT E STEIN, 2000)

De acordo com Machtiger (1982 p.90) “é a reação do analista na contratransferência que constitui o fator terapêutico essencial na análise”, e a interpretação dessa contratransferência sendo a parte mais necessária.

Para que o terapeuta analise a sua contratransferência não basta apenas acessar o consciente, mas é necessário que também se entre em contato com o inconsciente. Uma das melhores formas de atingir esse conteúdo inconsciente, e através do próprio analisando, que se revelam aos analistas através de seus sonhos, fantasias e comentários indiretos. (SCHWARTZ-SALANT E STEIN, 2000)

Além disso, a contratransferência não é dependente apenas da transferência do paciente, mas, para Faimberg o momento da análise que está permeado por um círculo vicioso com ausência psíquica, pode ser compreendido através da contratransferência do terapeuta, que pode ter desenvolvido a função apenas de “escuta”, ou ter assumido uma posição de superioridade. (FERRO, 2005)

Ao pesquisar sobre transferência e contratransferência, foi mais fácil de encontrar resultados a respeito do primeiro fenômeno, e o segundo sendo pouco citado. Guggenbulh-Craig (2004) discorre que os analistas costumam esconder as suas contratransferências, tendo receio que elas sejam mal compreendidas e interpretadas. Acredito que, esse seja um dos motivos pelo qual se é menos falado da contratransferência nos estudos desenvolvidos.

Schwartz-Salant e Stein (2000) explicam que o motivo de existir uma falta tão grande sobre a contratransferência na literatura da Psicologia, é que a contratransferência continua fazendo parte da sombra da prática clínica, tendo uma resistência por parte dos analistas á análise desse conceito.

Para Isolan (2005), nos últimos anos foram publicados um número importante de trabalhos conceituando a contratransferência e a sua importância. Percebe-se

que esses trabalhos defendem a mesma ideia da importância da análise da contratransferência na prática clínica.

Gostaria de compartilhar um parágrafo que reflete o sentimento que tenho quando estou na posição de Psicóloga, e que pra mim corresponde exatamente ao fenômeno da transferência e contratransferência:

“O lugar do analista é o lugar da angústia. Nenhuma profissão exige contato tão intenso com o misterioso mundo psíquico quanto à dele. Em sua prática, ele estará conectado a seu mundo simbólico, suas representações, suas feridas narcísicas, suas histórias e memórias afetivas, ou seja, sua subjetividade, que está sempre sendo instigada, na contratransferência, pela subjetividade do outro. Assim, o analista estará de modo afetivo, narcísico e existencial ligado aos seus analisandos e, portanto, seu humor pode oscilar conforme os sucessos e insucessos de cada encontro. Desta maneira, o analista vai do céu ao inferno muitas vezes, no mesmo dia ou numa mesma sessão.” (FERNANDES, 2015)

4. O CONCEITO DE PAIXÃO E AMOR

Destacando-se nas relações interpessoais, a paixão e o amor são sentimentos e resultantes de um processo sócio histórico, de acordo com diversas culturas, as quais ligam indivíduos em relacionamentos, sejam eles, conjugais, afetivos ou sexuais.

A palavra Paixão se originou do termo grego “*pathos*”, o qual significa patologia ou doença, sendo assim, um adoecimento da alma que foi criado através de um sentimento amoroso que se excedeu. No latim, paixão significa sofrimento, designando a forma como a alma é afetada pelo exterior. (GRISOLIA, 2008)

A paixão é descrita como um estado de prazer exagerado, que se mistura com intenso sofrimento devido à insatisfação, ansiedade e urgência de estar com a pessoa amada.

De acordo com Doron (2001), a paixão tem como definição duas vertentes: o apaixonado, quando o sentimento e o fenômeno tem significado positivo, e o passional, que é caracterizado por quadros de ciúmes e delírio, com grande intensidade negativa.

Gomes (2004) defende que a paixão surge a partir do especial significado do objeto amoroso e suas virtudes únicas, que são engrandecidas pelo indivíduo que está apaixonado. Dessa forma, o pensamento pelo outro torna-se obsessivo e invade todo o comportamento do apaixonado.

O autor Andrae (2005) chamou o acontecimento da paixão de *limerence*, o qual é caracterizado por um sentimento avassalador e impossível de ser ignorado. Esse sentimento provém de um estado cognitivo e emocional involuntário, onde uma pessoa sente um desejo intenso romântico por outra pessoa.

Para que da paixão surja o amor romântico, é necessário que o casal esteja envolvido em uma condição adequada. Para que ocorra o processo amoroso, para além de complexo, deve-se encarar o desafio, na destruição das expectativas e fantasias, entrando em contato com a realidade do outro.

Do latim, *amore/amor*, e em português, amor. Se procurarmos no dicionário, a palavra amor é definida como uma forte afeição por outra pessoa, nascidas de laços consanguinidade ou de relações sociais. Assim como, pode ser a atração baseada no desejo sexual entre duas pessoas. (AULETE, 1980)

O amor na história da humanidade pode ser reconhecido desde a antiguidade até atualmente através da literatura, podendo ser visto como uma típica história romântica, ou como uma história fatídica. (FISHER, 2006)

A partir do séc. XVIII surgiu o mito do amor romântico, o qual faz culto ao sofrimento e as insatisfações. Esse amor romântico está presente até hoje nas crenças amorosas, se caracterizando por uma busca ardilosa pelo objeto amado, o que lembra muito a ideia de amor de Platão, do seu livro O Banquete. (COSTA, 1998)

De acordo com Harlow (1958) o amor é definido como um estado maravilhoso, delicado, profundo e gratificante. Para Rubin (1970, p.265), o amor é “a atitude que uma pessoa direciona a outra em particular, envolvendo predisposições a pensar, sentir e se comportar de certas formas em relação a esta outra pessoa”.

Segundo Fehr (1988) o amor é algo que não pode ser definido classicamente, por ter sido construído em torno dos exemplos mais claros, tendo, portanto, uma abordagem prototípica e muito subjetiva.

Para Costa (1998) o amor além de um sentimento é um acontecimento social, que, pode ser reinventado e transformado ao longo do tempo, se adequando as necessidades e realidade humana de acordo com cada momento histórico.

A cada dia surgem novas mudanças nas perspectivas dos relacionamentos amorosos em todas as partes do mundo, existindo divergências e diferenciais importantes de acordo com cada cultura, com cada país e até mesmo entre as classes sociais.

A definição de amor pode ser difícil ou quase impossível. Os sujeitos de diversas culturas experimentam o amor de diferentes formas, porque o amor seria um afeto e uma construção social, um constructo multidimensional que inclui: sentimentos, comportamentos e pensamentos. Dessa forma, o amor seria uma experiência emocional que muda de acordo com o ambiente social. (BEALL, 1995)

Outro tipo de amor encontrado é o *amour passion*, o qual se difere do amor romântico, pois nesse caso existe uma ligação direta entre o amor e sexo. Entra em conflito com as obrigações e atividades do dia-a-dia, por conta da sensação de urgência e magia que é gerado. Fica relacionado à identificação projetiva, exigindo o sacrifício e escolhas radicais. Pode-se transformar no amor romântico, quando o amor sublime predominar o desejo sexual. (GIDDENS, 1996)

Atualmente percebe-se que o momento em que a sociedade se encontra existe uma grande fragilidade dos laços humanos, Bauman nomeou isso de amor líquido. É um jeito de se relacionar que no qual o desejo fica entre estreitar o laço e ao mesmo tempo não se prender, surgindo então, alguns pontos conflitantes nos relacionamentos. (BAUMAN, 2004)

Ao mesmo tempo em que alguns indivíduos não querem se prender ao outro, acontece também o excesso desse apego, o que é chamado de amor co-dependente. Isso ocorre quando o sujeito está intimamente ligado psicologicamente ao parceiro, e todos os seus comportamentos passam a ser dirigidos de forma compulsiva. (GIDDENS, 1996)

Diferentemente da abordagem utilizada pelos autores anteriormente citados, utilizando uma abordagem evolucionista, existe a teoria de que o amor é mais do que um estado, ele pode ser visto como atos, os quais no passado foram conectados a funções ligadas a reprodução do indivíduo. Dentre essas funções, o autor destaca a escolha de parceiros relacionada à reprodução, como os objetivos centrais desses atos de amor. (BUSS, 1988)

Além disso, Lee (1998) escreve sobre os possíveis tipos de amor existentes. Como, existe diferença entre o amor que sentimos pela nossa mãe e o amor por um parceiro? Essa foi uma das perguntas que motivou o autor a definir os tipos de amor. O autor John Alan Lee iniciou um estudo dos estilos de amor, publicando um livro no qual compara o amor com cores, a partir da pesquisa realizada percebeu que existiam características comuns entre as pessoas, e dessa forma, criou dois principais grupos de amor, um grupo primário e o secundário. (LEE, 1988)

O grupo primário é definido pelos estilos: Eros, Ludus e Storge. O estilo Eros é a busca da pessoa amada, cuja imagem já existe na mente de quem deseja, Ludus é o estilo de amor em que o sujeito tem várias experiências e lembra-se delas com prazer, e o estilo Storge é o amor como uma amizade, onde o casal acostuma-se um com o outro. (FERH, 1991)

No grupo secundário pertencem os estilos: Mania, Agape e Pragma. O estilo Mania é definido pelo ciúmes, possessão e intensidade emocional, o Agape é aquele que coloca o bem estar da pessoa amada acima de qualquer coisa, e por fim, o Pragma é o estilo onde as decisões são realizadas de forma racional e não emocional. (FEHR, 1991)

Outra grande contribuição para compreender os diferentes tipos de amor foi a Teoria Triangular do Amor de Robert J. Sternberg. O autor diz que o amor pode ser analisado como um triângulo, no qual cada vértice corresponde a um componente do amor: intimidade, paixão e decisão/comprometimento. (STERNBERG, 1986)

Segundo essa teoria, através das diferentes combinações de inter-relações desses três componentes citados acima, seria possível obter oito tipos de amor, como por exemplo: o amor romântico, que é derivado da combinação entre os componentes: intimidade e paixão. Esse tipo de amor não inclui apenas a atração física, mas os indivíduos envolvidos na relação estão vinculados emocionalmente. (STERBERG, 1986)

De certa forma, pode-se dizer que o sujeito, através de experiências em relacionamentos passados, “organiza” o que ele espera do parceiro dentro da relação atual, ou das futuras relações. Essas expectativas, por um lado, podem gerar conflitos dentro da relação, uma vez que uma das pessoas pode não se sentir correspondida, e a outra pode estar satisfeita dentro da relação caso as expectativas do que o indivíduo espera sejam “atingidas”. (STERNBERG E BARNES, 1985)

Ao realizar esta pesquisa sobre o conceito de paixão e amor, acredito ser necessário também, falar sobre a Teoria do Apego. Essa teoria defende que os primeiros contatos de um indivíduo com o seu cuidador serão primordiais e decisivos para as futuras relações do sujeito.

Ao desenvolver a sua teoria Apego e Perda, John Bowlby (1980) propôs que os humanos são capazes de desenvolver vínculos afetivos nos primeiros anos de vida por um sistema comportamental de apego. Esse sistema foi desenvolvido a fim de promover segurança e garantia de chances de sobrevivência.

Através da relação estabelecida com o cuidador principal, a criança consegue elaborar modelos de comportamentos de si e do outro, os quais irão permanecer ao longo da vida. Esse cuidador principal se torna uma figura de apego, que servirá como um porto seguro, tanto para a criança se sentir segura ao explorar o ambiente, quanto para os momentos em que se sentir assustado e com medo durante essa exploração. (CHISHOLM, 1996)

Em 1978, Cindy Hazan e Phillip Shaver perceberam que era possível transferir os conteúdos do apego infantil para os futuros relacionamentos afetivos, desse modo, facilitando a compreensão da forma como os indivíduos iniciam uma

relação amorosa. Com isso, o amor romântico foi conceitualizado também como um processo de apego. (HAZAN, 1987)

Posteriormente, diversos estudos foram elaborados para indicar que existem outros tipos de Apego, a cada estudo ficando mais clara a possibilidade da relação desses estilos de Apego com pontos fundamentais no andamento das relações amorosas, como, a satisfação e expectativas no relacionamento.

O pensamento predominante em nossa sociedade ainda é o de que, só se é possível ser feliz quando se está vivendo uma relação amorosa e compartilhando a vida com outra pessoa. Assim como, o casamento ainda é visto como uma meta de vida a ser alcançada.

Porém, eis que surgiram também novas formas de amor consideradas mais modernas, como: os relacionamentos virtuais, o Poliamor, a amizade colorida, a monogamia sequencial, dentre outros. Sendo assim, percebemos que as pessoas estão se readaptando e criando novos modelos de relacionamentos e formas de amar atualmente.

De acordo com Shiramizu (2013), podemos acreditar que de forma isolada nenhuma dessas teorias contemplam o que temos como descrição de amor atualmente, o qual para nós caberia como sendo um sentimento, com diversos comportamentos e pensamentos selecionados ao longo de nossas vidas, que contribuem para a escolha do parceiro, dedicação e tempo investido na relação amorosa. Assim como, as condições culturais e sociais impostas pela sociedade.

Percebe-se que atualmente o ser humano não encontrou uma forma de relacionamento ideal, e que, demonstra não necessitar de uma forma estereotipada, porém, busca-se pelos novos meios de relacionamentos, experimentar uma nova forma de se relacionar para que possam satisfazer as necessidades pessoais.

4.1 PAIXÃO/AMOR PARA A PSICOLOGIA ANALÍTICA

Para a Psicologia Analítica, a paixão é compreendida como projeção, significando que, quando uma pessoa está apaixonada, ela projeta seus conteúdos internos inconscientes em outra pessoa. O percurso para que esses conteúdos se tornem conscientes pode ser difícil e delicado, passando por crises e sentimentos de raiva, possessão, dependência e ciúmes. (GRISOLIA, 2008)

Quando o sujeito está apaixonado, vive-se um milhão de sentimentos e emoções, as quais podem interferir na estabilidade e estrutura do ego, pois é uma experiência que coloca o indivíduo em contato com as camadas mais profundas da psique. Com isso, normalmente a paixão vem acompanhada do medo e do ato de fuga. (GRISOLIA, 2008)

Segundo Giddens (1996, p.48) “o amor apaixonado é marcado por uma urgência que o coloca à parte das rotinas da vida cotidiana, com a qual, na verdade, ele tende a se conflitar. O envolvimento emocional com o outro é invasivo e tão forte que pode levar ambos os indivíduos a ignorar suas obrigações habituais”.

Geralmente, a escolha pelo parceiro amoroso ocorre por motivos inconscientes, conscientes e até mesmo instintivos. Essa experiência é caracterizada por uma busca de completude, perfeição, e de sexualidade. O ser humano cria diversas fantasias.

Considera-se que na paixão acontece um retorno ao estado inicial de inconsciência, uma unidade indiferenciada chamada por Neumann de *self* corporal. E com isso, o sujeito fica mais em contato com o *self*, camadas inconscientes da psique. (NEUMANN, 2000)

De acordo com Sandorf (1987), quando um homem e uma mulher projetarem suas imagens de forma simultânea, acontecerá um estado aparentemente perfeito na relação, que é conhecido como estarem apaixonados. Com esse acontecimento, ambos ficam convencidos de que encontraram um no outro o relacionamento perfeito.

As projeções tendem a levar o indivíduo a um estado de auto-erotismo ou autismo, o qual cria um mundo paralelo, sonhos, que não podem ser atingidos. Diante disso, existe a consequência dessa projeção, que é o sujeito se isolar do mundo exterior, criando uma relação ilusória. (AZEVEDO, 2001)

Durante esse apaixonamento não existe um contato real com o outro. Na verdade, o eu está em busca de si mesmo, e vê no outro o que gostaria de ser. Essa imagem ilusória que foi criada do outro precisa ser quebrada para que então se torne consciente.

Para que a paixão vire amor é necessário que aconteça o desapego, que se abra mão do desejo e das ilusões criadas, saindo desse estado de encantamento e magia gerados pela paixão. (ALBUQUERQUE, 1989)

“O amor romântico depende da identificação projetiva do amor passion, como processo pelo qual os parceiros potenciais tornam-se atraídos e, então, unem-se. A projeção cria aqui uma sensação de totalidade com o outro, sem dúvida intensificada pelas diferenças estabelecidas entre a masculinidade e a feminilidade, cada uma delas definidas em termos de uma antítese. Mas, a identificação projetiva vai contra o desenvolvimento de um relacionamento cuja continuação depende da intimidade.” (GIDDENS, 1996 p.72)

Só é possível que isso aconteça, quando o sujeito tornar consciente os motivos que o levaram a escolher esse parceiro amoroso, através da elaboração de conteúdos inconscientes o individuo pode entrar em contato com a sua sombra.

Para que se chegue ao amor é importante ultrapassar as projeções e alcançar a realidade do outro. Essa realidade poderá estar em desacordo com as expectativas que foram geradas pelos arquétipos da Anima ou do Animus, e enquanto não se tornarem conscientes, ambos irão viver um relacionamento baseado na ilusão. (GRISOLIA, 2008)

Percebe-se que existe uma grande dificuldade na elaboração da paixão, normalmente as pessoas se negam a sair dessa situação de encantamento e de perceber a necessidade de entrar em contato com a sua própria sombra.

A partir disso, pode então surgir o sentimento de possessividade, e a não aceitação da perda. Com isso, o potencial criativo transformador da paixão acaba por se perder, e a experiência é vivida pelo ego de uma forma destruidora.

Segundo Empédocles (séc. V a.C.), o Amor (Philia) é a origem de todo o bem existente, da ordem, da beleza e da harmonia. A Discórdia (Neikos) seria a fonte de todo o mal e da desordem, sendo o oposto do Amor. (SALLES, 1992)

Sobre o amor, é comum que na linguagem psicológica a palavra amor seja representada por Eros, o qual é um mito encontrado na mitologia greco-romana. A Psicologia reconhece a importância dos mitos na história da humanidade, e dessa forma, utilizou-se deles para exemplificar e explicar alguns conteúdos simbólicos do desenvolvimento do ser humano.

Para Jung (1978), os mitos são fundamentais para se compreender a espécie humana, pois através deles é que acontecem as manifestações dos arquétipos, isto é, modelos advindos do inconsciente coletivo da humanidade que constituem a base de formação da psique humana. Os arquétipos têm como função revelar atitudes dos homens, dar significado ao mundo e à nossa existência.

O mito também é definido como expressão simbólica dos sentimentos e atitudes inconscientes de um povo. Por isso, sua importância para a Psicologia é enorme. Na Psicologia Analítica uma das primeiras formulações e significado de amor foi descrito através do mito de Eros, o deus do amor.

Eros descreve o desejo de integração e a busca daquilo que é belo. “Quando Eros atua, os extremos se tocam. No nível simbólico, Eros situa-se no plano suprapessoal, no nível de um *daimon*, isto é, no plano de um mediador entre a mente divina, as dádivas divinas e os homens”. (SALLES, 1992 p.43)

Na mitologia greco-romana encontra-se algumas versões do mito de Eros, com diferentes finais. Para Salles (1992) “É Eros, o Amor, que transforma uma pessoa no meio da multidão na amiga ou amada, que dá nome e forma a cada coisa, tornando-a viva e distinta das demais. Para quem ama uma pessoa, ou algo, essa pessoa ou objeto, se torna distinta das demais, passa a ter nome e significado próprios”.

De acordo com Jung, Eros está ligado tanto à natureza animal primordial do homem quanto às formas mais elevadas de espírito. Eros (amor) humaniza os arquétipos, na medida em que integra e harmoniza suas dinâmicas arquetípicas com as necessidades do Ego. (SALLES, 1992)

A partir disso, é concebida a alteridade, a função que possibilita a compreensão e integra o polo do “outro”, seja ele interno ou externo. A concepção clássica disso é da Anima e o Animus.

Segundo Byington (2002) a fenomenologia dos arquétipos Anima (do homem) e Animus (na mulher), está incluso no Arquétipo da Alteridade. Esse arquétipo designa a consciência o encontro dialético entre os opostos, e a elaboração simbólica desse fenômeno pode alcançar a sua capacidade plena.

Além de considerar a posição do Outro, a alteridade proporciona ao Ego assimilar todas as polaridades, integrando os opostos. Diante disso, acontece uma relação de encontro entre o Ego e o Outro, onde os símbolos podem ser elaborados. (BYINGTON, 2002)

Quando projetada, a relação entre Eros e a alteridade se torna intensa, diante da experiência e desafios de lidar com o outro, pois é como se fosse lidar com a própria alma. Como se o outro fosse parte de nós mesmos.

De acordo com Carotenuto (1994) o amor é uma centelha do divino, a partir desse termo, entende-se que uma força que encerra em si ambos os pólos da

dicotomia maniqueísta bem-mal. Dessa forma, o amor infla o ego, colocando-o para além de suas possibilidades.

Sob o ponto de vista de Jung, o oposto do amor é o desejo de poder. Uma das frases de Jung bem conhecida é: “Onde o amor impera, não há desejo de poder; e onde o poder predomina, há falta de amor. Um é à sombra do outro”. (JUNG, 2005)

Jung afirmou que “Tanto minha experiência médica como minha vida pessoal colocaram-me constantemente diante do mistério do amor e nunca fui capaz de dar-lhe uma resposta válida”. (JUNG, 1975, p.305)

O amor e o poder são as duas principais funções estruturantes na criatividade e organização do Arquétipo Central, porque elas fazem parte da essência do processo de união-separação dos símbolos para formar a consciência. (BYINGTON, 2005)

Sendo assim, o amor e o poder não podem viver sob o mesmo teto, dentro da mesma casa, pois, onde o amor impera não há desejo de poder e onde o desejo de poder é predominante, existe a falta de amor.

O amor propicia a união e o poder promove a separação, formando assim a polaridade básica do desenvolvimento do Ser. O amor abre o Ser para a vivência de entrega do Ego para o seu próprio desejo e para o Outro, e para isso renuncia ao status, à riqueza e até à própria independência. Em contrapartida, o poder propicia o fechamento do Ser na entrega para o Outro devido à sua auto-afirmação e à imposição do seu próprio desejo sobre o desejo do Outro, para assegurar sua independência. (BYINGTON, 2005)

A capacidade do poder para promover a auto-afirmação e a independência é tão oposta ao amor que Jung dizia que, quando o poder entra por uma porta, o amor sai pela outra. Sua polaridade também foi descrita como Eros e Logos, por Platão, e, ainda mais antagônica, como Eros e Tanatos, por Freud. (BYINGTON, 2005)

De acordo com Jung (2014 p.45) “não há nenhuma autenticidade para admitir a autenticidade de Eros e negar a da vontade de poder; está é, sem dúvida, um demônio tão grande, antigo e primordial quanto Eros”.

No entanto, os pólos das polaridades, apesar de opostos, contribuem sempre também para formar a consciência, pois são ambas funções estruturantes arquetípicas do Self. Assim sendo, a síntese dos opostos representada na Alquimia européia pelo Arquétipo da Conjunção (*coniunctio*) é descrita como a grande

finalidade do processo (*opus*) para se obter a pedra filosofal (*lapis philosophorum*), que foi estudada por Jung como a finalidade da auto-realização psicológica, a qual ele denominou Processo de Individuação. (BYINGTON, 2005)

A luz do amor traz a felicidade do Ser, mas sua sombra possessiva pode matá-lo de asfixia. A luz do poder é capaz de construir uma nave espacial e sua sombra, ordenar o genocídio. Quanto mais importante e abrangente é uma função estruturante, mais funções estruturantes auxiliares ela possui para se expressar. As funções estruturantes do amor e do poder são auxiliadas intensamente pelas funções do ciúme e da inveja. O ciúme acompanha o amor, e a inveja, o poder. (BYINGTON, 2005)

O autor Vicente Miller (1995) também fala desse conceito de amor e poder, descrevendo-o como “cultura do abuso”, ou seja, a incessante busca pelo poder entre os parceiros, onde um tenta ser melhor que o outro. Aquele amor romântico foi trocado por romances políticos, os quais homens e mulheres lutam entre si, movidos pelos ressentimentos e sede de controlar o outro.

Para que haja atração e relação entre indivíduos, é necessário o desenvolvimento individual, autoconhecimento e um grau de maturidade. Assim como em um dos pontos do processo de individuação, a relação de amor é permeada por insegurança e instabilidade, pois em qualquer relacionamento a evolução é alcançada através primeiramente da transformação, isto é, a destruição e depois o início de uma nova fase. (SALLES, 1992)

“A arte de amar requer um grau de dedicação e persistência, semelhantes a qualquer arte ou disciplina”. (SALLES, 1992 p.64)

5. A PAIXÃO NA RELAÇÃO TRANSFERENCIAL

É possível que o paciente se apaixone pelo seu analista? E o analista, é possível que também se apaixone pelo seu paciente? Essas são situações que podem ocorrer no processo psicoterapêutico, e são mais comuns do que imaginamos.

Ao realizar uma pesquisa na busca sobre esse possível sentimento entre paciente e analista, obtive poucos resultados. Percebi que é um assunto pouco falado e discutido em estudos. Acredito que, assim como no tema contratransferência, a paixão na relação transferencial também seja um ponto o qual traz receio à discussão por parte dos psicólogos.

Diversas vezes nos deparamos com algum paciente o qual nos acusa de lhe tratar de um modo ruim e injusto. Normalmente me pergunto quem na vida desse paciente lhe trata assim e porque ele está projetando esse comportamento em mim também. Assim como, pode ocorrer do paciente nos tratar com muito carinho e um afeto exacerbado, o qual também me leva a pensar em que tipo de projeção está acontecendo naquele processo.

Stein (1973) relata que geralmente costumamos nos dizer “este paciente está por certo projetando em mim um complexo inconsciente porque estou tentando ajuda-lo e não fiz nenhuma dessas coisas de que ele me acusa.” Entretanto, ao examinar o fenômeno, percebe-se que eu posso não ser necessariamente inocente referente às acusações do meu paciente.

Sendo uma vivência de grande intensidade e surpreendente, a paixão é tema necessário de ser pesquisado e analisado, pois quando vivida, pode colocar em risco a integridade do ego de maneira patológica. Essa vivência que ocorre na maioria das pessoas no dia-a-dia pode ocorrer também durante a análise, entre paciente e analista.

De acordo com Azevedo (2001), durante o fenômeno da paixão acontece uma desestruturação do ego, a qual é desencadeada pelo seu contato com o mundo arquetípico. Em alguns casos, o sujeito pode ser invadido por questões do inconsciente e atuar sem controle, prejudicando a si mesmo e as pessoas ao seu redor.

Segundo Vargas (1986), quando a paixão se tornar uma patologia e não for resolvida, o sujeito pode continuar vivendo uma intensa dependência do outro, podendo chegar até a comportamentos agressivos e a própria autodestruição.

Em uma paixão patológica, o ego não consegue formar a vivência, diferenciar o seu “eu” do outro, e aceitar a relação com a realidade, a qual aos poucos vai se impondo, e desmanchando a fantasia criada pela paixão.

A paixão acarreta a perda da individualidade, pois o desejo do ego deixa de ser levado em consideração, sendo os arquétipos a pronunciarem as regras. Com isso, viver uma paixão de forma negativa é sempre arriscado, pois a consciência fica limitada e o fenômeno acaba por ser dirigido pelo *self*. (AZEVEDO, 2001)

Diante disso, “com frequência, os apaixonados se vinculam por seus núcleos neuróticos e mesmo psicóticos produzindo uma ligação conjugal doentia, na qual esse vínculo deve ser transformado ou rompido.” (AZEVEDO, 2001, p.10)

As projeções que ocorrem do paciente para o analista podem não ser apenas os conteúdos negativos que ele carrega, mas, os conteúdos positivos que estão inconscientes e que também podem ser projetados. Um exemplo disso é a paixão sob a forma de uma idealização irrealista e intoxicada que a realidade do analista deixa de ser percebida.

As projeções e, conseqüentemente a transferência são fenômenos totalmente espontâneos, como se fosse um “amor á primeira vista”.

Entretanto, Jung ressalta que a transferência não deveria ser interpretada de forma errada como amor, pois ela apenas se usa disso. Segundo o autor, analistas com experiência cometem o erro de considera-la amor, assim como os pacientes cometem esse mesmo erro, achando que estão apaixonados pelo analista, porém, não estão. (JUNG, 2005)

O complexo é parte inerente da psique humana e, assim sendo, refere-se a um arquétipo, ou seja, a um conteúdo que existe universalmente tanto no inconsciente coletivo, como no inconsciente individual.

Sendo uma vivência que compreende todos os níveis da psique, muitas vezes na paixão projeção é condicionada pela anima/us. Inicialmente, a consciência se toma pelos arquétipos do Animus e da Anima, e posteriormente, entra em contato com a sombra e conteúdos não conscientes.

Primeiramente, sendo considerados como princípios, os arquétipos do Masculino e Feminino representam potenciais que se manifestam simbolicamente, na cultura e nos seres humanos de ambos os sexos.

Assim como, os arquétipos da Anima e Animus são imagens psíquicas, sendo a imagem interior de uma mulher inserida em um homem, e vice-versa. Esses arquétipos são importantes na construção da estrutura psíquica, sendo símbolos dos padrões humanos gerais e inconscientes.

Para Tognini (2007), estes arquétipos referem-se a aquilo que em cada sexo é o outro, o seu oposto, e desempenham um importante papel de obter uma ligação entre o ego e o *Self*, entre os conteúdos pessoais e os coletivos, assim como, entre o inconsciente e o consciente.

Segundo Grisolia (2008), os arquétipos Anima/us possuem um intenso poder de numinosidade, pois são cheios de energia psíquica, e por isso inclinam-se a nos atingir emocionalmente. Por conta dessa numinosidade, quando projetados, dispõem-se de um efeito magnético, onde o sujeito que projetou esses arquétipos se sinta muito atraído pelo outro, ou tenha o extremo desejo de afastamento.

A Anima se desenvolve no homem através das associações das imagens femininas estruturadas desde a sua infância. E o Animus enquanto imagem arquetípica do princípio masculino, é basicamente influenciado pelas imagens masculinas que a mulher teve na infância. Ambos podem adquirir um aspecto positivo ou negativo.

De acordo com Sanford (1987), não se pode considerar as projeções dos arquétipos da *Anima* e do *Animus* como ruins ou boas, trata-se de um evento natural que ocorrerá, por mais que se tente controlar, e é através disso que alguns elementos podem se tornar visíveis a consciência, surgindo uma oportunidade de mergulhar no nosso mundo interior.

Quando os arquétipos da Anima e do Animus são projetados, altera-se imensamente a percepção do outro. A polaridade feminino-masculino é uma das formas mais básicas que se tem de vivenciar o conflito universal dos opostos no nosso interior e na relação com os outros. Na maioria das vezes, as mulheres projetam seu animus em determinados homens e vice-versa, e esse acontecimento é importante, pois é responsável pela aproximação e afeição entre os sexos. (WHITMONT, 1969)

É necessário que no processo de análise exista um relacionamento entre paciente e analista. Sem esse acontecimento, o paciente não pode se desenvolver, pois o processo psíquico não prossegue sem a existência das emoções. Quando esse relacionamento acontece, ele não é apenas psíquico, mas também corporal e físico. (GUGGENBULH-CRAIG, 2004)

Para que ocorra uma completa relação entre o Eu-Tu, necessita de um distanciamento, separação e um envolvimento, a integração consciente de raiva, hostilidade, assim como, de amor e amizade. Toda relação real é um aspecto interpessoal do processo de individuação, o qual requer inteireza e totalidade do nosso potencial. (GRISOLIA, 2008)

Dentre às várias projeções na relação entre duas pessoas, existem as projeções de animus e anima, as quais normalmente se caracterizam em buscar no outro aquilo que se idealiza, entretanto, com o tempo, o indivíduo se depara com a sombra do outro, e percebe que a sua realidade não corresponde às expectativas e as fantasias.

Como mencionado anteriormente, um aspecto importante do mecanismo da projeção, é que o inconsciente que projeta não escolhe os seus alvos ao acaso, mas, sim aqueles que contêm pouco ou muito do conteúdo projetado, encontramos na psicologia analítica um termo para esse conceito: o gancho. (VON FRANZ, 1999, p. 282)

Dessa forma, quando o paciente se apaixona pelo seu analista, o mesmo possui esse conteúdo, um gancho, e por isso acontece à projeção. E um dos perigos disso é o analista se colocar como receptor passivo da projeção maciça que o paciente faz de seus próprios objetos internos.

Ainda, a existência do gancho nos permite contrapor a afirmação de que a projeção é necessariamente uma ilusão. Com o gancho, é notável que o outro atrai ou rejeita projeções a partir de algumas de suas características próprias. O conteúdo projetado deixa de ser uma ilusão, uma fantasia arbitrária. Ou seja, a projeção inconsciente (realidade subjetiva) recai sobre um gancho (realidade objetiva do outro). (PACINI, 2010)

6. O DESEJO SEXUAL NA RELAÇÃO TRANSFERENCIAL

O tema sexualidade por si só, já é visto com grande dificuldade pela sociedade, o qual se evita falar desse conceito, como se fosse um assunto proibido. A cultura em que o sujeito está inserido é determinante pela forma em que ele enxerga o seu exterior. Entretanto, a sexualidade faz parte do homem, dos seus instintos e do seu corpo, sendo assim, faz parte do todo.

O desejo sexual por outras pessoas faz parte da pulsão sexual do indivíduo, que é algo natural do ser humano e não está relacionado à moral. Por mais que se tente reprimir, os desejos sexuais sempre estarão presentes.

Um dos grandes paradigmas da relação transferencial é o aparecimento dos sentimentos eróticos entre analista e paciente, e o risco da atuação desses sentimentos. Esse tema envolve pontos importantes de ordem moral, ética e da análise. Entretanto, isso é uma situação que pode ocorrer. (SCHWARTZ-SALANT E STEIN, 2000)

Para Jung (2014), O erotismo pertence à natureza primitiva e animal do ser humano, e continuará existindo enquanto este possuir um corpo. Porém, também está conectado às mais altas formas de espírito. E só evolui quando instinto e espírito estiverem em perfeita harmonia.

De acordo com Stein (1973), a natureza espiritual do homem precisa estar em contato de forma harmônica com o a sua natureza animal. Quando ocorre a submissão de um lado para o outro, ocorre também uma cisão da personalidade, a perda da totalidade. Com isso, necessita a reconciliação entre o corpo e a mente, e para isso, necessita-se de mudanças conscientes nas atitudes do ego.

Mesmo que a sexualidade não seja vivida durante o processo, é preciso que se adote uma postura altamente diferenciada com relação ao surgimento de uma atração sexual mútua, analisando o que esse acontecimento quer expressar. O terapeuta deve sempre examinar as fantasias sexuais do paciente e também as suas. (GUGGENBULH-CRAIG, 2004)

Segundo SCHWARTZ-SALANT e STEIN, (2000) a atuação sexual durante o processo de transferência e contratransferência na terapia é constituída por uma das mais obscuras sombras do esforço analítico. Porém, o ideal é que se abrace essa sombra, e não a reprima.

Uma das mais importantes convicções que precisamos adotar é a de que reprimir, esconder e oprimir os instintos e os sentimentos, causa enorme precariedade da atual condição dos mesmos, dificultando o trabalho com eles posteriormente.

Isso pode ser a representação de uma simples atração no nível do ego, algo que poderia ocorrer com quaisquer outras duas pessoas, ou, pode representar uma projeção e um conteúdo que necessita ser conscientizado. (SCHWARTZ-SALANT E STEIN, 2000)

Para Guggenbulh-Craig (2004), é comum que surja o desejo sexual entre pacientes e analistas. Esse acontecimento é visto tanto do paciente para o analista, quanto do analista para o paciente. Contudo, quando o desejo sexual aparece no analista, é mais difícil acontecer à discussão de que os analistas também podem desenvolver desejos sexuais pelos seus pacientes.

No momento em que o analista tiver uma fantasia sexual com o paciente, deve-se conscientiza-las, pois essas fantasias representam um importante conteúdo do seu inconsciente avisando de que o contato com esse paciente não é bom e deve ser olhado.

Segundo Jung (2005), as fantasias podem aparecer pro analista sob a forma de um sentimento ou de uma sensação, como uma sensação sexual, por exemplo. Essas fantasias são um sinal de que a conduta do terapeuta diante do paciente é errônea.

Quando nos sentimos atraídos por alguém, normalmente a energia inconsciente atinge primeiro o nível sexual, podendo se manifestar no corpo, e desviando o campo racional e controlador característico do ego. O corpo pode corresponder essa energia através de emoções, como: respiração mais intensa, aumento dos batimentos cardíacos, sudorese e etc. (GRISOLIA, 2008)

É importante que se determine se a ativação sexual no contexto terapêutico é a expressão de um relacionamento entre analista e paciente positivo ou negativo.

No ponto de vista negativo, é comum que esse desejo sexual do paciente seja uma intenção de destruir o psicólogo profissionalmente, ou que o analista desperte o desejo sexual nos pacientes como uma forma de mantê-los no processo. Se essa sexualidade que se constelou for uma expressão de forças destrutivas, é imprescindível que o analista a analise em si e no paciente com a maior seriedade possível. (GUGGENBULH-CRAIG, 2004)

Se o desejo sexual no paciente e/ou analista for uma manifestação de um relacionamento positivo, é possível que o analista permita que as fantasias continuem e se desenvolvam, pois a vontade de vivê-las na realidade não é o ponto central. E o trabalho com esse desejo, pode trazer aspectos na análise. (GUGGENBULH-CRAIG, 2004)

Outro ponto importante do desejo sexual na análise é o aparecimento de sonhos sexuais, quando o objeto do sonho do paciente for o analista ou o analista for o objeto do sonho do paciente, deve-se tratar com muito cuidado esse conteúdo.

De acordo com Jung (1966a) os sonhos eróticos que podem aparecer no decorrer do processo podem ser uma tentativa simbólica do paciente estabelecer uma ligação com o analista, quando conseguiu alcançar um envolvimento emocional na análise.

Além disso, no processo psicoterapêutico analista e analisando estão conectados, e fica impossível saber qual conteúdo pertence a quem, se ambos, juntos, não demonstrarem vasta abertura com relação as suas fantasias sexuais.

Jung também discorria sobre o significado arquetípico da transferência/contratransferência, o qual está a serviço da *coniunctio* e da transformação, dessa forma, não devemos reduzir o significado desses sonhos apenas como uma atração sexual.

Uma das regras mais rígidas referente à análise é a proibição da realização dessas fantasias sexuais. Em hipótese alguma a sexualidade entre analista e paciente pode ser concretizada. Uma vez que se tenha vivido a sexualidade, a relação deixa de ser um processo curativo e destrói a terapia. (GUGGENBULH-CRAIG, 2004)

Os psicólogos junguianos compreendem a sexualidade como símbolo de algo não-sexual, sendo a união dos opostos, ou a *coniunctio oppositorum*. Sendo assim, o fenômeno da atração erótica na análise pode também ser compreendida como símbolo dessa unificação. Esse aspecto transcendente da atração entre analista e paciente deve ser aprendido e analisado durante a terapia. (GUGGENBULH-CRAIG, 2004)

Para Stein (1973), sempre que se toca no mistério do incesto, a sexualidade fica extremamente carregada, e o a única forma de se evitar o envolvimento é o afastamento, essa atitude é o que o analista deve fazer, caso queira continuar na análise com a sua posição objetiva. Caso a sexualidade tenha sido ativada por uma

relação arquetípica entre o paciente e o analista, então não se trata mais de algo unilateral.

O analista deve primeiramente examinar e compreender as fantasias e desejos sexuais que aparecerem na análise, e de certa forma, participar da experiência, antes de tentar enche-la com muito simbolismo. (GUGGENBULH-CRAIG, 2004)

Por fim, é de muito importante que o analista tenha um espaço para falar sobre as suas fantasias sexuais, pois se este não se sentir livre para expressar e sentir as suas próprias fantasias sexuais, a maior probabilidade é que o analisando irá carregar o peso inteiro sozinho, das suas próprias fantasias e das fantasias inconscientes do analista. (STEIN, 1973)

7. O TRABALHO COM A PAIXÃO NA RELAÇÃO TRANSFERENCIAL NO PROCESSO DE ANÁLISE

“Basicamente a psicoterapia é um relacionamento dialético entre médico e paciente. É um confronto entre duas totalidades anímicas, no qual todo conhecimento é apenas ferramenta.” (JUNG, 2005)

Um dos pontos fundamentais para o trabalho com a relação transferencial, é a de que o analista, necessariamente e principalmente no início da análise tem que saber que está sujeito a receber projeções, e que elas possuem um papel importante para o processo analítico e desenvolvimento do paciente.

Como dito anteriormente, os conteúdos das projeções transferenciais tendem a demonstrar em que áreas o crescimento da consciência é necessário para o paciente. Por trás do conteúdo e das formas de uma transferência, está em atividade o processo interno da auto realização, do qual Jung chamava de individuação, natural à vida e facilitado pela terapia. (PENNA, 2005)

A transferência é composta por diversas projeções que atuam como uma verdadeira relação psicológica. Através disso, cria-se uma relação simulada, mas que é de grande valor para o paciente, pois a sua fraqueza atual é trabalhada através do necessário trabalho analítico com algo do seu passado.

Segundo Stein (1973), quando um paciente vai ao médico e se apresenta despido e vulnerável, ele espera que o seu corpo não seja violado, e seja respeitado. Essa mesma expectativa se aplica a psicoterapia, na qual é esperado que o paciente expresse a sua alma nua e vulnerável. Entretanto, nesse caso, pode ser que a cura dessa alma exija abordagens diversas, principalmente quando suas feridas estão localizadas no campo do amor e do sexo.

De acordo com Jung (2005), o analista deve deixar a transferência fluir de forma tranquila e entendê-la com simpatia. Talvez a paciente necessite do analista como um pai, e este deverá se colocar como tal, adotando uma postura essencialmente humana. Essa paciente precisa da tranquilidade e integridade do terapeuta, assim como, da sua segurança, para reconciliar a sua personalidade dissociada. De início, só é preciso estar ao lado do analisando, sem muito propósito terapêutico, pois, o próprio paciente irá buscar dentro do analista o que ele precisa.

O analista é uma pessoa que está diante de outra pessoa, e a análise é um diálogo onde se faz necessário dois parceiros, dois indivíduos se relacionando. Com isso, terapeuta e paciente se sentam frente a frente, um olhando para o outro.

Para Von Franz (1999), quanto mais o indivíduo se conhecer, como consequência, irá realizar menos projeções sobre as outras pessoas, podendo se relacionar consigo mesma e com os outros de maneira mais objetiva e sem as fantasias. Conseguindo assim, diferenciar os seus sentimentos, como, a paixão e o amor verdadeiro, entre o ódio e a rejeição e dentre outros.

A transferência pode ser usada de forma terapêutica pelo analista, podendo ser um instrumento para ampliar a consciência e a diferenciação, oportunidade de correlações arquetípicas e constelações arquetípicas críticas com o analista, assim como, um meio de deixar-se de uma fixação arquetípica e entrar em um relacionamento mais individualizado. (STEIN, 1973)

Além disso, é fundamental que o analista também lide e olhe para a sua contratransferência. Segundo Guggenbulh-Craig (2004), é visto que muitos terapeutas tendem a reprimir suas fantasias que dizem respeito ao paciente, como se elas não fossem permitidas no processo. Entretanto, reprimidas ou não, as fantasias continuam a influenciar na análise. O ideal é que não se reprima essas fantasias, mas sim, procurar compreendê-las e entender o que elas querem dizer.

A relação Eu-Você na análise junguiana pede ao analista um pé dentro dessa relação, significando a empatia, sentindo-se dentro da experiência do paciente. E necessita também de um pé fora, mostrando a possibilidade de olhar com o controle da empatia, relacionando com o contexto global da psicologia. (JACOBY, 1992)

Para tornar-se analista deve-se ser razoavelmente estabilizado, ter vivido e superado, em certa medida, uma neurose. Com isso podemos correlacionar com a máxima chinesa de que um médico sem sua ferida não é um bom médico. (JACOBY, 1992)

Em outras palavras, o analista deve notar suas tendências de contratransferência, pois quando não observadas, desvirtuam-se do relacionamento necessário, não mantendo um processo analítico proveitoso. Como dito anteriormente, reconhecer sua contratransferência é importante para detectar as necessidades da transferência do paciente. (JACOBY, 1992)

De maneira geral a este respeito, a ênfase junguiana no relacionamento humano é que não existem regras e pode-se agir naturalmente com espontaneidade

à situação, não precisamos interpretar todos os aspectos de transferência e constrastransferência, mas temos de ficar atentos em manter o ponto de vista terapêutico. (JACOBY, 1992)

Todas as pessoas criam uma série de relacionamentos imaginários, acreditando que o mundo é da forma que o vemos. A questão é como podemos saber se o mundo é realmente assim? Não existe nenhum teste para comprovar o que é real e o que é projeção. Uma alternativa para isso, seria o auto conhecimento, processo longo e difícil. Isso, porque “a mente, em seu estado natural, pressupõe a existência de tais projeções”. (GAMBINI, 1988)

De acordo com GAMBINI (1988), o analista pode descobrir algo através da via indireta da projeção, entretanto, o paciente só pode tomar consciência da mesma, a partir do momento em que começa a se sentir desconfortável na situação, vindo a perceber que a sua percepção não corresponde exatamente ao objeto. Com isso, poderá realizar reflexões a cerca de si mesmo e analisar o porque dessa projeção.

Em uma forma de entendimento influenciado pela psicanálise, FORDHAM (1978) afirma que assim que a análise engrena, aparecem aspectos que indicam que a transferência está criando dificuldades para o paciente: ele pode ficar silencioso sem motivo aparente, ou pode deixar de ouvir o que o analista diz, ou pode começar a distorcer intervenções de maneira estereotipada. O que é dito pelo analista talvez seja sentido como crítica ou condenação, ou como expressão de amor, as interpretações podem ser admiradas, ou torna-se aparente que o paciente as sente como irrelevantes.

Essas são apenas algumas respostas, de uma grande variedade de possibilidades, caracterizadas por serem exageradas ou inapropriadas para uma situação em que o analista escuta e busca ajudar o paciente em sua compreensão.

No mais, é entendida como uma neurose, que ocorre com pacientes que vivenciam seu terapeuta através de uma falsa impressão. Isso pode ser reconhecido e, depois, trabalhado para o entendimento da situação. A ilusão pode continuar, mas pode ser manejada para que se perceba que o terapeuta não é realmente o que parece. (FORDHAM, 1978).

No instante em que se toma consciência de uma projeção perde-se uma ponte de ilusão, obrigando-se a carregar nas costas tudo o que sempre odiamos nos

outros. Porém, o interessante é que com o paciente neurótico, o analista durante o processo terapêutico deve força-lo a dar esse passo. (GAMBINI, 1988)

Os junguianos defendem de que ao tornar-se consciente aquilo que era inconsciente, novos comportamentos do ego se desenvolvem, e ajudam a libertar o sujeito do jugo opressivo de um complexo patogênico. (STEIN, 1973)

Entretanto, é importante ressaltar que uma súbita interrupção da transferência pode ter efeitos devastadores e perigosos, pois o paciente pode cair em uma ausência intolerável de relacionamento. Quando o analista decide suspender a transferência, ele está lidando com forças que têm valor neurótico e um significado normal geral. (JUNG, 2005)

De acordo com Jung (2005, p.99) “quando queremos levar o doente á suspensão do relacionamento da transferência, na verdade exigimos dele algo que raramente ou nunca é exigido da pessoa mediana, ou seja, que se ele se supere totalmente”. Após a transferência ser suprimida, o que resta ao analista e paciente é apenas um relacionamento profissional permeado pela formalidade. Entretanto, o problema trazido pela transferência só foi adiado, lá na frente ele irá aparecer novamente, pois por trás dessa transferência existe um impulso incessante á individuação.

Sendo assim, a transferência é um fenômeno riquíssimo a ser trabalho no processo de análise, contudo, é imprescindível o cuidado que o analista deve ter ao lidar com a mesma, averiguando qual o momento ideal e a melhor forma de abordar sobre a mesma, caso seja necessário.

A psicoterapia dinâmica simbólica nunca pode se restringir a interpretações que se limitam a nomear disfunções e sintomas da sombra e do inconsciente reprimido. Ela precisa sempre também elaborar a função estruturante que se tornou defensiva, resgatar seus componentes fixados e liberá-los, para agir plenamente na consciência. Não basta apenas identificar o conflito. (BYINGTON, 2005)

É preciso sempre também buscar através dele e do arrependimento, o caminho da salvação. Os terapeutas pouco vividos e que centralizam sua vida emocional dentro do hospital e do consultório, frequentemente têm facilidade de diagnosticar defesas e sintomas, mas podem ter também grande dificuldade em resgatar, a partir deles, a função estruturante normal, indispensável para a criatividade do *self*. (BYINGTON, 2005)

Quanto a uma transferência pessoal e arquetípica, chamado a falar em Tavistock, Jung (1999b) refere-se ao trabalho com a transferência em quatro etapas:

1. Compreensão do paciente da projeção dos conteúdos infantis das figuras autoridade em sua experiência pessoal e seus valores subjetivos.
2. As imagens pessoais são dissolvidas, mas o vínculo transferencial continua através de conteúdos impessoais que não podem ser dissolvidos.
3. Diferenciar os elementos arquetípicos da relação pessoal com a analista, buscando novos receptáculos para as mesmas.
4. Objetivo das imagens impessoais onde o paciente buscará a realização das mesmas em si mesma, correspondendo as vivências do *self*.

Projeção e transferência são fenômenos naturais vividos em toda relação. As projeções são frequentemente os suportes de uma relação humana. “Aprendi que é um perigo sério fechar-se dentro deste jogo. Só temos a ganhar com a desmistificação da relação analítica, porque ela escraviza tanto o analista como o analisando.” Quando o terapeuta se humaniza na relação com o outro, este tem a possibilidade de se abrir e de viver seu desenvolvimento (BONAVENTURE, 1985, p. 86).

Digamos que esteja presente no processo uma transferência materna, conforme o analista a sentir, ele pode atuar de forma maternal até que essa projeção esteja pronta para ser trabalhada e discutida. (VON FRANZ, 1999)

Segundo Sharp (1991) tudo o que, no analisando, é inconsciente e necessário para o seu desempenho saudável, é projetado no analista. Esta projeção inclui imagens arquetípicas de totalidade e o resultado é que o analista adquire uma estatura de uma personalidade-mãe. Ao analisando cabe, então, a compreensão dessas imagens no nível subjetivo, sendo um ato primitivo o paciente constelar seu próprio analista interno.

Para Marinho (1996) o terceiro estágio na obra de Jung mostra a descoberta da alquimia. Seus estudos alquímicos foram compreendidos como uma metáfora do processo de individuação. Em seu livro 'A Psicologia da Transferência', através das figuras do tratado alquímico o Rosarium Philosophorum, Jung baseou entender a vivência arquetípica da transferência.

Sugeriu ele que a transferência constelaria o arquétipo da coniunctio (isso leva a crer que todo o campo transferencial, seja poder, xamfmico ou outro, se sustenta sobre o domínio de Eros), a conjunção dos opostos, comunhão,

representada na alquimia como a hierosgamas ou casamento sagrado entre Rei e Rainha (MARINHO, 1996).

O caráter incestuoso da transferência é percebido então como uma primeira manifestação deste arquétipo, já que ele se faz originalmente vivo na relação com os pais. Assim, a fantasia de incesto é também seu oposto, o tabu do incesto, são genuínas e instintivas, significando a tentativa de união com o Self. A liberalização da fantasia incestuosa e o sol niger da alquimia, a sombra concreta de uma busca de renascimento e unificação em um nível simbólico, um nível mais elaborado que insenta a realização da totalidade da psique. (MARINHO, 1996)

Além disso, uma das formas existentes do paciente manifestar a transferência é através dos sonhos. É importante trazer à tona as associações realizadas pelo paciente sempre que o analista aparecer nos seus sonhos. Buscando entender qual a visão do paciente em relação ao analista, e se o paciente sonha com o terapeuta objetivo, diretamente, e não uma imagem e personificação do seu próprio inconsciente. (SCHWARTZ-SALANT E STEIN, 2000)

Para Jung, o método mais importante para se adentrar e tomar conhecimento a respeito dos conflitos patogênicos e complexos do paciente é a análise dos sonhos. Sendo um porta-voz do nosso inconsciente, tem como função revelar os segredos que o consciente não possui conhecimento. (JUNG, 2014)

A mesma atenção deve ser dada para quando o analista sonhar com o seu paciente. Discutir o sonho com um colega profissional ou com seu analista, e refletir sobre o conteúdo desse sonho é importante para o processo. (SCHWARTZ-SALANT E STEIN, 2000)

O analista deve ser capaz de se permitir envolver-se de forma humana e aberta, expor a sua própria alma no processo analítico com o seu paciente, sem a exagerada proteção da persona de médico. É importante que a alma do paciente entre em contato com a alma do analista.

Por fim, o trabalho com a paixão ou com qualquer outra função exercida na relação transferencial é de extrema importância para o processo psicoterapêutico. Através desse acontecimento o analista entra em contato com uma imersão de conteúdos importantes para o processo analítico do paciente.

CONCLUSÃO

No presente trabalho me deparei com diversos temas importantes para a prática clínica, como, projeções, transferência, contratransferência e relação transferencial. Esses assuntos visam à necessidade de enfrentamento e entendimento por parte do analista.

Através desta pesquisa realizada pode-se constatar a importância do terapeuta analisar a transferência e a contratransferência no processo psicoterapêutico. Pois, a transferência é realizada através de diversas projeções, que podem surgir para substituir uma verdadeira relação psicológica.

Dentre as possíveis projeções desenvolvidas pelos pacientes, pode existir o apaixonamento pelo analista, assim como, a atração sexual, e esses fenômenos devem ser olhados de forma cautelosa, prevalecendo à atitude analítica do terapeuta. Entender os conteúdos que permeiam esse sentimento desenvolvido pelo paciente é fundamental para a continuidade do processo, e pode ajudar no desenvolvimento da consciência do mesmo.

Além disso, ao se olhar para a transferência do paciente, é imprescindível que o analista se atente a sua contratransferência, se conscientizando também da mesma. Jung, especialmente, desenvolveu uma psicoterapia orientada para a alma, e esta alma inclui a do paciente e do analista, pois ambas se relacionam na análise.

Como visto, parece que os Psicólogos ainda possuem receio de falar sobre os seus próprios sentimentos com relação ao paciente, e também sobre os possíveis sentimentos afetivos que os pacientes podem desenvolver para com eles e vice-versa.

A sombra do psicólogo age na contratransferência, a qual faz parte do trabalho terapêutico. Portanto, é preciso entender que não servimos como médicos curandeiros, que mostram caminhos e cobram resultados, tampouco somos seres poderosos que conseguem arrancar a angústia do peito de quem sofre, nem mesmo resistentes ao medo e aflição que a escuridão dos lugares inconscientes causam a todos os seres humanos. Quando estamos sentados diante de nossos pacientes, somos uma alma se relacionando com outra alma.

Nas palavras de Jung, “O encontro de duas personalidades assemelha-se ao contato de duas substâncias químicas: se alguma reação ocorre, ambos sofrem uma transformação.” (JUNG, 2013)

Dessa forma, conclui-se a paixão como uma forma de projeção possível de ocorrer entre paciente e analista, a qual não deve ser reprimida e nem ignorada, mas, conscientizada e analisada pelo terapeuta, averiguando a melhor forma de se conduzir esse fenômeno durante o processo terapêutico.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQU, H. **O encontro na paixão e no amor**. Revista SBPA in Junguiana 7. São Paulo, 1989.
- ANDREAE, S. **Anatomia do Desejo**. Porto: Campo das letras, 2003.
- AULETE, C. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, v.5, 1980.
- AZEVEDO, T. P. **Paixão, um caminho no processo de individuação**. Trabalho de Conclusão de Curso. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2001.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Jorge Zahar Editor, 2004.
- BEALL, A. E. **The social construction of love**. Journal of Social and Personal Relationships, 1995.
- BOWLBY, J. **Apego e perda: Vol. III. Perda: tristeza e depressão**. 2a ed., V. Dutra, trad. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1980.
- BUSS, D. **Love acts: The evolutionary biology of love**. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), The psychology of love (pp. 100-118). New Haven, CT: Yale University Press, 1988.
- BYINGTON, C. A. B. **O arquétipo da Vida e da Morte: um estudo da Psicologia Simbólica**. São Paulo, 2002.
- BYINGTON, C. A. B. **O ciúme e o amor: um estudo da Psicologia Simbólica Junguiana**. São Paulo, 2005. Disponível em: http://www.carlosbyington.com.br/site/wp-content/themes/drcarlosbyington/PDF/pt/o_ciume_e_o_amor.pdf
- BONAVENTURE, L. **Entrevista**. In: PORCHAT, Ieda. & BARROS, Paulo.
- CASTRO, R. M. O. **Uso e abuso da transferência**. Brasília: Editora UNB, 2005.
- CAROTENUTO, A. **Eros e Pathos: amor e sofrimento**. São Paulo, Paulus Editora, 1994.
- CHISHOLM, J. S. **The evolutionary ecology of attachment organization**. Human Nature, 1996.
- COSTA, J. F. **Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico**. Editora Rocco. Rio de Janeiro, 1998.

DORON, R. **Dicionário de Psicologia**. Lisboa: Climepsi, 2001.

FEHR, B. **Prototype analysis of the concept of love and commitment**. Journal of Personality and Social Psychology, 1988.

FEHR, B. **The concept of love viewed from a prototype perspective**. In: Russell, J. A., Journal of Personality and Social Psychology, 1991.

FERNANDES, R. R. **O céu e o inferno de ser analista: uma visão da psicodinâmica na atualidade.** Revista Junguiana, 33/1, 2015.

FERRO, A. **Fatores de doenças, fatores de cura**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

FISHER, H. **The drive to love: The neural mechanism for mate selection**. In R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), The new psychology of love (pp. 87-115). New Haven, CT: Yale University Press, 2006.

FONSECA, A. B. F. **O simbolismo alquímico na obra de C. G. Jung**. Pontifícia Universidade Católica. Departamento de Psicologia. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0115521_03_Indice.html

FORDHAM, M. **Jungian psychotherapy: a study in analytical psychology**. London: Maresfield Library, 1978.

GAMBINI, R.. **A voz e o tempo: reflexões para jovens terapeutas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

GAMBINI, R. **O espelho índio: os jesuítas e a destruição da alma indígena**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo, UNESP, 1996.

GRISOLIA, L. M. **Paixão como projeção: quando esse sentimento aprisiona**. Pontifícia Universidade Católica. São Paulo, 2008. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/18705/2/Luiza%20Moreira%20Grisolia.pdf>

GOMES, A. F. **Paixão, amor e sexo**. 2ª Ed Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2004.

GUGGENBULH-CRAIG, A. **O abuso do poder na psicoterapia: e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério**. Tradução: Roberto Gambini. São Paulo: Paulus, 2004.

HARLOW, H. F. **The nature of love**. American Psychologist, 1958.

HALL, J. A. **Sonhos e transferência/contratransferência: o campo transformador**. In: SCHWARTZ-SALANT, Nathan. & STEIN, Murray. (org.). Transferência contratransferência. São Paulo: Cultrix, 2000.

HAZAN, C. **Romantic love conceptualized as an attachment process.** In: Shaver, P, R . *Journal of Personality and Social Psychology*, 1987.

ISOLAN, L. R. **Transferência erótica: uma breve revisão.** *Revista Psiq. RS*, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v27n2/v27n2a09.pdf>

JACOBY, M. **O Encontro Analítico.** São Paulo. Cultrix, 1992.

JUNG, C. G. **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência.** 4º edição, Editora Vozes, 1999a.

_____. **A Vida Simbólica: Escritos diversos.** XVIII/I. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Fundamentos de Psicologia Analítica.** 9º edição, Editora Vozes, 1999b.

_____. **Fundamentos da Psicologia Analítica.** Petrópolis: Vozes, 1996a, vol. XVIII/1.

_____. **Memórias Sonhos e Reflexões.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

_____. **Mysterium coniunctionis:** pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** 6 ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

_____. **O Homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova fronteira. (3a ed.), 1978.

_____. **Sobre o amor.** Aparecida, SP: Idéias e Letras, 2005.

_____. **Psicologia do inconsciente.** 24 ed. Petrópolis, Vozes, 2014.

_____. **A prática da psicoterapia: contribuições ao problema da psicoterapia e á psicologia da transferência.** 16ed. Petrópolis, Vozes, 2013.

LEE, J. A. **Love-styles.** In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 38-67). New Haven, CT: Yale University Press, 1988.

MARINHO, N.C. **Transferência e contratransferência eróticas na formação analítica.** *Rev.Bras.de Psical .v.XXX (4)*, 1996.

MILLER, M. V. **Terrorismo íntimo: A deterioração da vida erótica.** Editora Francisco Alves e cia, 1995.

NEUMANN, E. **O medo do feminino: E outros ensaios sobre a psicologia feminina.** Trad. Thereza Christina Stummer. Editora Paulus. São Paulo, 2000.

PACINI, A. F. **Aspectos Sobre a Transferência e a Contratransferência sob um Olhar Junguiano.** Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Especialização em Psicologia, 2010. Disponível em: http://www.symbolon.com.br/monografias/Alexandre%20Felipe%20Pacini%20-%20ASPECTOS%20SOBRE%20A%20TRANSFER_NCIA%20E%20A%20CONTRA%20TRANSFER_NCIA%20SOB%20UM%20OLHAR%20JUNGUIANO.pdf

PENNA, E. M. D. **A imagem arquetípica do curador ferido no encontro analítico.** In: WERRES, Joyce (org). *Ensaio Sobre a Clínica Junguiana.* Porto Alegre: Imprensa Livre, 2005.

PERRY, C. **Transference and countertransference.** In: YOUNGEISENDRATH, Polly & DAWSON, Terence. *The Cambridge companion to Jung.* Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

RUBIN, Z. **Measurement of romantic love.** *Journal of Personality and Social Psychology*, 1970.

SALLES, C. A. C. **Individuação: O homem e suas relações com o trabalho, o amor e o conhecimento.** Rio de Janeiro: Imago. Ed., 1992.

SCHWARTZ-SALANT, N; STEIN, M. **Transferência contratransferência.** São Paulo: Cultrix, 2000.

SANFORD, J. A. **Parceiros Invisíveis.** Edições Paulinas. São Paulo, 1987.

SHARP, **Léxico Junguiano.** São Paulo: Cultrix, 1991.

SHIMARIZU, V. K. M. **A Perspectiva Evolucionista Sobre Relações Românticas.** Psicologia – USP. São Paulo, 2013.

STEIN, R. **Incesto e Amor Humano: a traição da alma na psicoterapia.** São Paulo: Símbolo, 1973.

STEINBERG, W. **Aspectos Clínicos da Terapia Junguiana.** São Paulo: Cultrix, 1992.

STERNBERG, R. J. **A triangular theory of love.** *Psychological Review*, 93(2), 119-135. 1986.

STERNBERG, R. J., **Real and ideal others in romantic relationships: Is four a crowd?** *Journal of Personality and Social Psychology*, 49(6), 1586-1608, 1985.

VARGAS, N. S. **O masculino e o feminino na interação homem-mulher.** *Revista da SBPA in Junguiana* 4, São Paulo, 1986.

VON FRANZ, M. L. **Psicoterapia.** São Paulo: Paulus, 1999.

VON FRANZ, M. L. **Reflexos da Alma: projeção e reconhecimento interior na psicologia de C. G. Jung.** São Paulo: Cultrix, 1992.

TOGNINI, M. L. **Dor crônica e a vivência do feminino: redescobrimo-se através da dança do ventre.** Trabalho de Conclusão de Curso. PUC-SP, 2007.

WHITMONT, E. C. **A Busca do Símbolo: conceitos básicos da Psicologia Analítica.** São Paulo, Editora Cultrix, 1969.